

Child Development, 82(2), 533-554. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01560.x>

Jones, S. M., Brown, J. L., Hoglund, W. L. G., & Aber, J. L. (2010). School-randomized clinical trial of an integrated social-emotional learning and literacy intervention: Impacts after 1 school year. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 78(6), 829-842. <https://doi.org/10.1037/a0021383>

Lin, Y., & Bratton, S. (2015). A meta-analytic review of child-centered play therapy approaches. *Journal of Counseling & Development*, 93(1), 45-58. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.2015.00180.x>

Meany-Walen, K. K., & Teeling, S. (2016). Adlerian play therapy with students with externalizing behaviors and poor social skills. *International Journal of Play Therapy*, 25 (2), 64 –77. <https://doi.org/10.1037/pla0000022>

Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7(4), 349-367. <https://doi.org/10.1080/14616730500365928>

Taylor, R. D., Oberle, E., Durlak, J. A., & Weissberg, R. P. (2017). Promoting positive youth development through school-based social and emotional learning interventions: A meta-analysis of follow-up effects. *Child Development*, 88(4), 1156-1171. <https://doi.org/10.1111/cdev.12864>

Vickery & Dorjee (2015). Training in Primary Schools Decreases Negative Affect and Increases Meta-Cognition in Children. *Frontiers in Psychology. Educational Psychology*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.02025>

Palavras chave: programa de aprendizagem socioemocional, sintomas psicopatológicos, competências socioemocionais, idade, sexo.

ICCA2022-53726

Representações Sobre A Epilepsia Pediátrica: Diferenças Entre Pais E Filhos E Associação Com Variáveis Demográficas E Clínicas

Bárbara Nazaré ¹, Teresa Mendes, Carla Crespo ³

¹ *Universidade Católica Portuguesa*

² *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias*

³ *Universidade de Lisboa*

Introdução: A epilepsia é a doença neurológica mais comum em idade pediátrica, afetando as crianças/adolescentes diagnosticados e seus pais. Segundo o modelo de autorregulação de Leventhal, as representações de doença ajudam a explicar as respostas de coping das pessoas com doença e, consequentemente, os seus resultados de saúde. No âmbito da epilepsia pediátrica, os objetivos deste estudo foram: 1) descrever as representações de doença de crianças/adolescentes e seus pais; 2) comparar as representações de doença em crianças/adolescentes e seus pais; e 3) comparar as representações de doença considerando variáveis demográficas (sexo e grupo etário da criança/adolescente) e clínicas (gravidade e controlo da doença). **Método:** A amostra incluiu 184 crianças/adolescentes (dos 8 aos 18 anos) com epilepsia diagnosticada há pelo menos seis meses e um dos seus pais (85,3% de mães), recrutados em três instituições do Sistema Nacional de Saúde.

Não foram incluídas crianças/adolescentes com atraso global do desenvolvimento ou atraso cognitivo. Os participantes responderam a uma ficha de dados sociodemográficos e à versão portuguesa do Brief Illness Perceptions Questionnaire (BIPQ). A caracterização clínica da epilepsia coube aos neuropediatras que acompanhavam as crianças/adolescentes. Resultados: Relativamente ao primeiro objetivo, a representação de controlo da doença através do tratamento foi a mais acentuada para crianças/adolescentes ($M = 8,36$, $DP = 2,18$) e para pais ($M = 9,01$, $DP = 1,77$); a representação de identidade da doença foi a menos acentuada para crianças/adolescentes ($M = 2,44$, $DP = 2,59$) e para pais ($M = 3,08$, $DP = 2,51$). Relativamente ao segundo objetivo, verificaram-se diferenças entre as representações de crianças/adolescentes e seus pais ($F = 18,61$, $p < 0,001$, $\eta^2p = 0,46$), cujas médias foram significativamente mais elevadas em todas as representações - exceto curso da doença e controlo pessoal, em que não se verificaram diferenças. A diferença de maior magnitude foi a de preocupação com a doença ($F = 114,70$, $p < 0,001$, $\eta^2p = 0,39$). Relativamente ao último objetivo, nas representações das crianças/adolescentes, houve diferenças de acordo com a faixa etária ($F = 4,63$, $p < 0,001$, $\eta^2p = 0,18$) e gravidade da doença ($F = 2,54$, $p = 0,012$, $\eta^2p = 0,11$). Nas representações dos pais, houve efeito principal da faixa etária ($F = 3,55$, $p = 0,001$, $\eta^2p = 0,14$), gravidade da doença ($F = 4,58$, $p < 0,001$, $\eta^2p = 0,18$) e controlo da doença ($F = 2,41$, $p = 0,017$, $\eta^2p = 0,10$). Os valores médios foram mais elevados quando as pessoas diagnosticadas eram adolescentes, e não crianças, e quando a doença tinha maior gravidade. Conclusões: As representações de crianças/adolescentes e seus pais diferem - com os pais a perceber maior ameaça - e estão associadas a algumas variáveis demográficas e clínicas. Dada o potencial impacto que as representações têm na saúde das crianças/adolescentes com epilepsia, estes resultados suportam a relevância da sua avaliação. Caso as representações não sejam congruentes com a informação médica disponível, é importante promover o desenvolvimento de crenças mais precisas e adaptativas.

Broadbent, E., Petrie, K. J., Main, J., & Weinman, J. (2006). The Brief Illness Perception Questionnaire. *Journal of Psychosomatic Research*, 60(6), 631-637. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2005.10.020>

Fischer, M. J., Ketelaar, M., van der Veere, P. J., Verhoef, M., Wadman, R. I., Visser-Meily, J. M. A., van der Pol, W. L., & Schröder, C. D. (2020). Illness perceptions in pediatric spinal muscular atrophy: Agreement between children and their Parents, and its association with quality of life. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 33(2), 297–310. <https://doi.org/10.1007/s10882-020-09749-7>

Fisher, P. L., Reilly, J., & Noble, A. (2018). Metacognitive beliefs and illness perceptions are associated with emotional distress in people with epilepsy. *Epilepsy & Behavior*, 86, 9–14. <https://doi.org/10.1016/j.yebeh.2018.07.008>

Rizou, I., De Gucht, V., Papavasiliou, A., & Maes, S. (2015). Illness perceptions determine psychological distress and quality of life in youngsters with epilepsy. *Epilepsy & Behavior*, 46, 144–150. <https://doi.org/10.1016/j.yebeh.2015.03.022>

Turner-Cobb, J. (2014). *Child health psychology: A biopsychosocial perspective*. SAGE.

Palavras chave: epilepsia pediátrica, representações de doença, crianças/adolescentes, pais.